



PA

CONTARDO
CALLIGARIS

O SENTIDO DA VIDA

RECHOCANTE PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA. PAIDÓS

CONTARDO
CALLIGARIS

O SENTIDO DA VIDA

Copyright © Contardo Calligaris, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

ORGANIZAÇÃO DE TEXTO: Andresa Vidal Vilchenski
PREPARAÇÃO: Caroline Silva
REVISÃO: Carmen T. S. Costa
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
PESQUISA ICONOGRÁFICA: Tempo Composto
CAPA: Fabio Oliveira
FOTOGRAFIA DE CAPA: Bob Wolfenson

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Calligaris, Contardo
O sentido da vida / Contardo Calligaris. - São Paulo: Planeta do
Brasil, 2023.
144 p.

ISBN 978-85-422-2153-4

1. Desenvolvimento pessoal 2. Emoções I. Título

23-1593

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

● Prefácio 12

● Felicidade,
uma preocupação
desnecessária 18

● *Un bel morir* 38

● O sentido da vida e
a bizarra obrigação
de sermos felizes 76

Felicidade,
uma
preocupação
desnecessária

PAID

TEMPOS ATRÁS, EM 2014, NUMA ENTREVISTA, eu disse (e confirmo e continuo pensando parecido) que não me importava muito ser feliz. De fato, a felicidade sempre me pareceu uma preocupação desnecessária. Certo, ela é um ideal socialmente forte, se não dominante, e, como tal, é, no mínimo, um sucesso comercial – vende bem. Mas essa nunca foi uma razão para eu comprar grande coisa.

Desde essa minha resposta, sou condenado a falar dessa questão – ou seja, do que seria, então, a felicidade – e da importância que ela teria (ou não) para mim.

Até aqui, tenho dito que, para mim, a felicidade, seja lá o que ela for, não depende de a vida e o mundo terem um sentido no qual eu acredite. Ao contrário, se a vida tiver um sentido fora dela, nas nuvens do paraíso ou nas dos sonhos, onde vivem as utopias sociais, suspeito que a gente se distrairia dela. E não sei se existe uma chance de viver uma vida plena sem destinar a esse projeto toda a nossa atenção.

Agora, só empurrei a bola um pouco mais longe, pois sobra a questão: o que é uma vida plena? O que seria viver uma vida “boa”?

Nessa mesma entrevista de 2014, eu disse que, em vez de me preocupar com a felicidade e seu mistério, preferia me esforçar para viver uma vida interessante. E o que seria uma vida interessante?

Questão dupla, então: o que seria uma vida plena (um estado de espírito ou um estado do mundo)? O que seria uma vida interessante?



PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Eu sempre tive, e ainda tenho, dificuldade com uma das expressões mais corriqueiras da língua portuguesa – ou pelo menos do português do Brasil –, pela qual, ao encontrar alguém, um amigo ou um desconhecido, tanto faz, você pergunta: “Tudo bem?”. O outro, geralmente, se for bem-educado, responde da mesma forma, “Tudo bem?”, e fica implícito que está tudo bem para todo mundo. Prefiro as perguntas francesas ou americanas “*How are you?*” e “*Ça va?*”. Não que sejam muito mais autênticas, mas são perguntas concretas, indagações efetivas sobre o estado da pessoa, enquanto “Tudo bem?” é anunciado como uma espécie de acordo pressuposto. Na verdade, ninguém quer ouvir que não está tudo bem; todos preferimos só esperar uma confirmação.

Isso sem nem considerar a perplexidade na qual deveríamos ser jogados pelo possível alcance desse “tudo”: *como é que vou saber se tudo está efetivamente bem?*

Vejo dezenas de pessoas por dia no meu consultório – e são pessoas educadas que, em geral, me querem bem. Ao chegar, elas perguntam: “Tudo bem?”. Não gosto de apenas confirmar que “Sim, tudo bem”, nem de responder colocando de volta a mesma pergunta. Não estava a fim de nada disso por princípio, porque um dos princípios básicos da psicanálise é que a gente tente levar a sério o que a gente diz, propositalmente ou não.

Surge também outra pergunta: se está tudo bem com meu paciente, então o que ele está fazendo no meu consultório? Enfim, a resposta que adoto é, geralmente, “Não sei”. E há quem continue: “Como você não sabe? Se você não sabe, quem vai saber?”. Justamente. Ninguém sabe. “Não sei”, e é verdade que eu realmente não sei se está tudo bem. De fato não sei. Essa resposta, que tende a irritar alguns de meus pacientes, e até meus amigos, porque a uso realmente com todo mundo, não é uma grande novidade.

Os capítulos 10 e 11 da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles,^o são textos admiráveis. Aristóteles se pergunta se saber ou não saber como andam efetivamente as coisas do mundo (no nosso exemplo, saber se “tudo” está realmente bem) é relevante do ponto de vista da felicidade.

Felicidade é uma tradução próxima da palavra grega *eudaimonia*, que significa literalmente “bom espírito” ou “bom gênio” (o *daemon*, para um grego, é a figura intermediária entre o humano e o divino).

Para nos ajudar a avançar na nossa pergunta, Aristóteles traz como exemplo um homem que tem filhos, ou um filho, tanto faz – e acredita que eles estejam bem encaminhados; isso contribuiria para a própria sensação de paz desse homem, a sensação de “estou vivendo num mundo que está direito, que está dando certo”. Será que o homem

* A obra *Ética a Nicômaco* é dividida em livros, numerados apenas até o livro X. Contudo, optou-se, nesta edição, por preservar a referência original do autor. (N.E.)

de nosso exemplo pode ser “feliz” se o mundo estiver longe do que ele imagina? Por exemplo, e se o tal filho acabasse entrando no crime organizado ou estivesse se drogando sinistramente, ou então estivesse destinado a uma morte próxima ou a qualquer tipo de fim trágico?

Segundo Aristóteles, o fato de esse homem não saber de nada disso não melhora a situação: ele não sabe que o seu mundo (seu presente e seu futuro) é tragicamente desalentador. Mesmo não sabendo e mantendo-se na ilusão de que está “tudo bem”, não, ele não vai estar feliz, pelo menos não no sentido que a expressão tem para um grego.

Isso é muito interessante porque imediatamente isso revela que, para um grego clássico, Aristóteles é um cara que pensa em muitos casos de maneira bastante parecida com a gente; não é um sujeito de uma cultura longínqua, estranha, bizarra nem nada disso; ele é estranhamente familiar, mas, de repente, ele nos diz que o bem-estar,

o bom espírito, precisa de uma situação objetiva em que o cosmo esteja em harmonia com você.

Nos mesmos capítulos, 10 e 11, da *Ética a Nicômaco*, ele se faz, aliás, uma pergunta que para nós é absolutamente hilária, que mede a grande diferença entre Aristóteles e nós. Ele se coloca seriamente a seguinte pergunta: “Um morto pode ser feliz?”. É claro que, para nós, não pode, né? Porque, para nós, a felicidade é, sem dúvida, um afeto subjetivo, uma coisa que sentimos. Então, se eu estiver morto, não sentirei nada. E, mesmo que eu pudesse estar morto e sentir alguma coisa, essa “alguma coisa” não seria necessariamente algo agradável.

Mas Aristóteles está pensando numa linha diferente. Parece que, para ele, a felicidade eventual do morto não depende de uma sensação, de um afeto, de um pensamento do morto – porque não é uma questão subjetiva. Ou seja, a felicidade eventual do morto depende de um estado do mundo, é uma questão objetiva. Talvez para ele

um morto feliz seja um morto em harmonia com a ordem do mundo. O esforço para se aproximar dessa maneira de pensar e entendê-la é grande: para nós, espontaneamente, a felicidade (*eudaimonia*) de uma morte em harmonia com a ordem do mundo se manifestaria por um estado de espírito do morto ou do morituro. Estou a morrer, nisso eu me concilio com o mundo, e morro “feliz”. Talvez, mas a *eudaimonia* não depende do que o morto ou o morituro sente ou sabe (inclusive, não depende do que ele sabe sobre a ordem presente e futura do mundo).

Essa visão da felicidade por um grego antigo é menos exótica do que parece e, exótica ou não, é muito esclarecedora para os psicólogos clínicos. Essa visão grega da felicidade, por exemplo, nos oferece uma compreensão muito certa do que são os transtornos obsessivo-compulsivos, os TOCs.

Outro dia recebi um paciente preocupado porque acabava de começar uma nova história

de amor com alguém – estou falando de pessoas bem adultas, não de jovens. E ele descobriu que a mulher de quem ele gosta e por quem está se apaixonando sofre de um TOC severo. E como é que ele descobriu isso? Bom, depois de muita conversa e companhia, ele foi passar alguns dias na casa dela. Isso é um negócio complicado. Para quem sofre de um transtorno obsessivo-compulsivo, deixar alguém entrar na sua vida não tem problema, mas deixar entrar na sua casa é complicado. Então, eles estavam vivendo juntos aqueles dias, quase uma prova, um ensaio. Meu paciente estava sendo muito cuidadoso, como seria com qualquer um, com TOC ou sem TOC. Em dado momento, eles lavaram algumas coisas na máquina de lavar roupas. Quando a máquina terminou, ele achou que seria bom ajudar. Abriu as gavetas, procurou os prendedores e começou a pendurar cuecas, camisetas, meias etc. no varal. Bem nessa hora, ela chegou na copa, apavorada: “Não, não, não, não faça isso!”. Não faça isso o quê?